

# Roteiros de cuidado: cartografias no atendimento educacional hospitalar

Eloiza Cristiane Torres

LIMA, Angélica Macedo Lozano. *Ensaio sobre o conceito lugar: cartografias narradas no tempo-espaço da classe hospitalar*. Almirante Tamandaré, PR: Editora da Autora, 2022. Ebook <<https://www.amazon.com.br/Ensaiosobre-conceito-lugar-Cartografias-ebook/dp/B09Z78V11L>>

O livro é derivado da tese de doutorado *Classe hospitalar: do território ao lugar em tempos e espaços educacionais*, defendida em 2018. A obra tem como eixo central a aplicação dos conceitos de lugar e território, explorando-os para compreender a classe hospitalar como:

[...] lugar onde está o homem, que vive sua vida efetivamente por meio de seu corpo, que, por sua vez, manifesta afetividade, hábitos e ideias. É uma existência que se revela simbólica, objetiva e subjetivamente; é um mergulho corporal no aspecto físico da natureza e uma imersão dos sentidos humanos no aspecto relacional da convivência. (Lima, 2022, p. 51).

A discussão, fundamentada no campo geográfico, apoia-se na Filosofia e na cartografia de Deleuze e Guatarri (2009), abordando a classe hospitalar em sua complexidade, a qual ocorre nas interfaces dos campos da Educação e da Saúde. Respalçada em Haesbaert (2004), Lima define que o território:

[...] envolve uma estrutura socialmente organizada, rodeada por diferenças, sejam elas políticas, sociais, econômicas ou culturais. Essa estrutura forma uma base, um substrato, sobre o qual atores (sujeitos/grupos) realizam dinamicamente ações de apropriação e vivência, concreta ou abstratamente, transformando-o em seu território cotidiano. (Lima, 2022, p. 32).

Ao abordar a relação entre escola e hospital, os quais, à primeira vista, podem parecer antônimos, a autora revela que, apesar das diferenças entre esses espaços de ação, ambos compartilham bases institucionais e exemplifica os passos necessários para implementar a escolarização no ambiente hospitalar, desde leis e políticas públicas até estrutura administrativa, normas e regulamentações que viabilizam a

atuação dos profissionais da educação. Além disso, discute o currículo, a integração com a escola regular, o retorno do aluno à escola e o financiamento, aspectos essenciais para garantir um atendimento eficaz.

De acordo com Ceccim (2022), que assina o prefácio, a obra cumpre as exigências formais e epistemológicas da literatura científica e acadêmica, sendo recomendada para estudantes de Saúde e Educação e gestores envolvidos com políticas públicas nessas áreas, em virtude da sua discussão inovadora sobre território e lugar. Ao situar as aulas no hospital não apenas como um território ou mero local, mas como um lugar atravessado de dinâmicas sociais e subjetivas próprias, a autora consegue trazer luz aos processos complexos de escolarização em ambientes hospitalares.

O livro apresenta seis capítulos. Os três primeiros são dedicados às dimensões pertinentes aos espaços geográficos e relacionais que cruzam com a Educação e a Saúde: "Dimensão espacial", "Dimensão do espaço-tempo educacional" e "Dimensão do espaço educacional, relacional e afetivo". Esses capítulos exploram aspectos físicos materiais e abstratos, além de atributos metafóricos dos conceitos de território e lugar, como o tempo de ação docente, as emoções, os limites, as relações afetivas, culminando na definição de classe hospitalar como um lugar.

As dimensões estabelecem as ligações com as "Cartografias" do quarto capítulo, que são ilustrações criadas pelas professoras entrevistadas e comentadas pela autora: os desenhos pretendem expor liames simbólicos de naturezas diversas. Nota-se que tais ilustrações são como mapas que guiam os leitores pelas possibilidades de sentido, ligando-os ao texto como significados múltiplos, variados e dinâmicos, conforme se percebeu nas reflexões de Zourabichvili (2004) acerca dos processos contínuos de construção simbólica de significados.

O quinto capítulo, "À educação", é um convite à reflexão, considerando os assuntos sobre a educação escolar e a hospitalar abordados anteriormente. No sexto capítulo, "As rupturas que conectam: um roteiro de pesquisa", a autora explica como utilizou a cartografia geográfica e a proposta cartográfica de Deleuze e Guattari (2009) como base de sua metodologia de pesquisa.

Nota-se que a autora, com formação em Geografia, articulou e aplicou conceitos como território, lugar e espacialidade para dar sentido às experiências de ensino em contexto hospitalar, construindo uma abordagem interdisciplinar. O conceito de território serve para explorar as dinâmicas do hospital e da escola; duas instituições socialmente organizadas formam a base para a atuação de professoras, estudantes e outros grupos que se apropriam do espaço, experienciam-no e o transformam em um território cotidiano.

Ao questionarmos que lugar ou território é esse, Lima convida à reflexão sobre território e territorialização no contexto da multiplicidade. A autora aborda políticas públicas, destacando a necessidade de humanizar e universalizar o acesso à saúde e à educação, e mostra como esses dois princípios modificam práticas já estabelecidas em escolas e hospitais, transformando essas instituições. Ao analisar a interseção entre saúde e educação, enfatiza a urgência de práticas pedagógicas e espaços mais inclusivos e sensíveis, especialmente em contextos vulneráveis.

Essa abordagem, fundamentada principalmente nas obras de Rogério Haesbaert (2004, 2007), é central para compreender a transição de território para lugar. Lima evidencia que distinguir esses dois conceitos é essencial para reconhecer a classe hospitalar como um lugar, carregado de significado e apropriado pelas vivências dos atores envolvidos. Essa interconexão amplia a compreensão da educação e da classe hospitalar e permite uma análise rica das influências mútuas entre espaço e relações humanas no ambiente educacional, independentemente do “lugar”.

Certamente, quando se preenche esse espaço territorial com símbolos, signos, valores referenciais do cotidiano e com as experiências do mundo vivido, ele passa a ter um valor especial para as pessoas, passa a ser um lugar. Relph (1976) ajuda a entender este sentido pela ideia de que o lugar pode ser estudado como um fenômeno – um acontecimento. (Lima, 2022, p. 54).

Para Lima, os acontecimentos são a chegada das professoras e suas ações, afetando partes do hospital; a escola se faz presente com toda sua forma e suas forças, ajudando a criar o lugar. A desterritorialização vem com esse processo; o termo extenso, oriundo da Filosofia, traz um significado profundo para a Geografia, representa o processo de deixar, de desvincular-se de um território conhecido. A autora reflete sobre esse conceito ao examinar o momento em que a professora e o aluno saem da escola de origem para a classe hospitalar. Uma vez em aula, seja em um quarto ou em uma sala especial, um novo lugar começa a se formar. Ou seja, são os processos de desterritorialização e reterritorialização que culminam na transformação do território das aulas em lugar afetivo e habitado por sujeitos que constroem pragmática e simbolicamente o cotidiano das aulas no hospital.

Com suporte em Dardel (1990) e Tuan (1983), Lima explora a formação desse lugar, ao ilustrar como as professoras e os alunos-pacientes – conforme ela os denomina – vivenciam o processo de reterritorialização. Esse processo envolve a fixação e a aceitação de um novo terreno simbólico, criado ao longo das aulas, e se torna um acontecimento essencial: é nesse espaço que o lugar se configura como um receptáculo impregnado das experiências individuais. A autora afirma, portanto, que, à medida que essa dinâmica se desenvolve, o território gradualmente se transforma em lugar.

[...] fez do hospital um espaço de vivência, de pertencimento. Montar a árvore de Natal, fazer amiguinhas correspondem às pausas que anulam o tempo [...]. O momento de reconhecimento do outro serve para dar o sentido de pertencimento ao espaço compartilhado. São eventos, mesmo que intercalados por fatos inesperados, inerentes ao ambiente hospitalar, que se integram à realidade e à formação de um mundo vivido. A classe manifesta-se como lugar. (Lima, 2022, p. 127).

Para sustentar sua análise, Lima aproxima-se das ideias de Mauss (2003) e Tuan (1983) sobre as ações corporais, uma vez que os corpos são essenciais para conferir significado a um espaço e estabelecer afetividades, fundamentais para a formação de um lugar, contribuindo para a identidade e a vivência dos sujeitos:

Sendo assim, os fundamentos dos arranjos espaciais são embasados em quatro aspectos humanos: a postura humana; a estrutura do corpo humano; as relações humanas; as noções humanas de proximidade e de distância entre as pessoas

e suas relações. [...] é por meio da experiência íntima, do próprio corpo e do corpo do outro que os espaços são preparados, para que as necessidades físicas e biológicas e as relações sociais existam e sejam supridas. (Lima, 2022, p. 48).

Inicialmente, a pesquisadora discute a noção de território e lugar, destacando que, culturalmente, o conceito de território, quando analisado sob a perspectiva das relações sociais – afetivas e identitárias –, confunde-se com o conceito de lugar. Argumenta que o hospital se insere no conceito de território em seu sentido material, enquanto a classe hospitalar é compreendida como um espaço marcado pelo “tempo vivido”, um tempo diferente, que é reconhecido como “o tempo dos usuários”, recorrendo novamente a Haesbaert (2004, 2007).

Tudo muda. Para cada estudante, a escola e a classe hospitalar são flexíveis, podendo variar de uma sala a uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI), distantes do modelo tradicional de escola. Diante de um público tão diversificado, é imprescindível repensar os velhos símbolos. A entrada da escolarização no hospital altera modos professorais, o que exige a compreensão das comorbidades e das possibilidades de aprendizagem de cada estudante, um tratamento subjetivo, uma educação única, atravessada por novos significados. Como aponta Lima, as ações de ensino, localizadas em cada tempo e lugar, são impregnadas de afetividade e proximidade, fundamentais ao processo educativo.

Ao abordar o tempo e as temporalidades, Lima identifica a classe hospitalar como um espaço de pausa, já que a experiência da doença se entrelaça com o movimento incessante de médicos e enfermeiros. A pausa é o momento de esquecimento dos medicamentos e exames e da busca pela compreensão da própria condição física.

A proposta metodológica da autora, fundamentada na Geografia e respaldada pela cartografia de Deleuze e Guattari (2009), permite a análise de realidades complexas e multifacetadas das relações pessoais e espaciais: abrange as interações entre lugar, território, política, educação, entre outras, e reflete a diversidade de conexões que permeiam tais esferas. Aproxima-se da complexidade do cotidiano escolar-hospitalar, destacando a importância dos afetos e das subjetividades na formação desses espaços híbridos, em diálogo com as ideias de Deleuze e Guattari (2009); a análise revela a necessidade de debates mais amplos sobre limites e possibilidades de compreender realidades complexas e criar intervenções sociais mais profundas e eficazes.

A cartografia social, conforme discutem Cunha e Antonello (2023), é ferramenta útil para a análise qualitativa, ajudando a adaptar políticas públicas à realidade específica de cada comunidade. Embora Lima não mencione diretamente a cartografia social, os desenhos manuais que utiliza se assemelham a esse método. Desenhos como o relógio sem ponteiro sugerem a incerteza e a dilatação do tempo no ambiente hospitalar, externalizam a experiência subjetiva das professoras, mapeando visualmente a complexidade emocional e espacial da classe hospitalar. Conecta-se com o conceito de “textos cartografados”, nos quais Kozel (2007) aponta subjetividades e percepções que emergem e confrontam o pesquisador perante o desafio de manter a cientificidade. Lima nos explica o sentido dessa cartografia,

quando mostra o percurso da investigação por meio de outro ponto de vista, dando sentidos aos territórios, aos lugares e às outras formas de produzir conhecimentos geográficos, de cuidados, de educação, pela utilização de procedimentos que envolvem a observância do rigor metodológico, podendo ser replicados, contribuindo para o avanço do conhecimento.

A obra de Lima apresenta uma análise densa, complexa e inovadora, abordando a educação em ambientes hospitalares sob uma perspectiva geográfica e filosófica, explorando conceitos como território, lugar e desterritorialização. Destacam-se também os conceitos de devir, entendido como um processo contínuo de criação e mudança, e de linhas de fuga, que representam simultaneamente caminhos de escape e resistência. Como observado por Ceccim (2022), às vezes, a autora parece residir na complexidade dos conceitos filosóficos, especialmente os desenvolvidos por Deleuze e Guattari (2009); tais conceitos, por sua natureza, não possuem significados unívocos, sendo altamente contextuais e multidimensionais.

Em virtude da riqueza teórica da obra, uma possível sugestão seria que a autora considerasse a publicação de um artigo complementar, semelhante ao abecedário de Deleuze, organizado por Zourabichvili (2004), para sistematizar e significar os conceitos complexos de forma mais acessível e didática, o que facilitaria a compreensão e ampliaria seu impacto em diferentes contextos. Tal iniciativa seria distinta do roteiro de pesquisa já exposto no sexto capítulo do livro, que cumpre a função de guiar o leitor por meio da metodologia adotada e das conexões entre a Geografia e as outras áreas. Ao oferecer uma explicação mais detalhada sobre os conceitos filosóficos e geográficos, o artigo poderia potencializar a aplicação da obra.

### Referências bibliográficas

---

CECCIM, R. B. Aspectos cognitivos, pragmáticos e afetivos da presença da pedagogia e licenciaturas no atendimento de crianças hospitalizadas. In: LIMA, A. M. L. *Ensaio sobre o conceito lugar: cartografias narradas no tempo-espço da Classe Hospitalar*. Almirante Tamandaré, PR: Editora da Autora, 2022. Prefácio, p. 9-15.

CUNHA, C. C.; ANTONELLO, I. T. Cartografia social e mapas afetivos: uma proposta metodológica para as políticas sociais. *Geographia Opportuno Tempore*, Londrina, v. 9, n. 2, e48840, 2023.

DARDEL, E. *L'homme et la terre: nature de la réalité géographique*. Paris: Editions du Comité des Travaux Historiques et Scientifiques, 1990.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 1997. v. 5.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 2009. v. 2.

HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, R. Território e multiterritorialidade: um debate. *GEOgraphia*, Niterói, v. 9, n. 17, p. 19-46, fev. 2007.

KOZEL, S. Mapas mentais: uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas. In: KOZEL, S; SILVA, J. C; GIL FILHO, S. F. (Org.). *Da percepção e cognição à representação: reconstruções teóricas da geografia cultural e humanista*. São Paulo: Terceira margem; Curitiba: NEER, 2007. p. 114-138.

LIMA, A. M. L. *Classe hospitalar: do território ao lugar em tempos e espaços educacionais*. 2018. 254 f. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) – Departamento de Pós-Graduação em Educação e Saúde na Infância e na Adolescência, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, Guarulhos, SP, 2018.

MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

TUAN, Y. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.

ZOURABICHVILI, F. *O vocabulário de Deleuze*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

202

---

Eloiza Cristiane Torres, doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), com pós-doutorado pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) e estágio na Università degli Studi di Genova-Italia (UniGe.it), é professora associada da Universidade Estadual de Londrina (UEL), lecionando na graduação e no mestrado/doutorado, e coordenadora da Especialização em Ensino de Geografia. Atua principalmente com educação ambiental, educação especial e ensino de Geografia (Geografia da infância).

elotorres@uel.br

Recebido em 23 de maio de 2024.

Aprovado em 12 de novembro de 2024